

O Marceneiro: entre o trabalho artesanal e o trabalho operacional

Catarina Ribeiro Cruz

Cristina Parente

O Marceneiro: entre o trabalho artesanal e o trabalho operacional

Catarina Ribeiro Cruz Faculdade de Letras da Universidade do Porto up201906336@letras.up.pt

Cristina Parente Departamento de Sociologia, IS-UP, Faculdade de Letras da Universidade do Porto
cparente@letras.up.pt

O Marceneiro: entre o trabalho artesanal e o trabalho operacional

Resumo

O modelo de trabalho artesanal de Sennett (2009b) e Mills (1969) aplicado às ocupações manuais e qualificadas serviu de fundamentação teórica para o estudo do trabalho dos marceneiros da indústria do mobiliário em Paredes. A partir de uma pesquisa exploratória e qualitativa, desenvolvida com a realização de entrevistas e observação participante, identificamos, entre outras características, a coexistência de competências artesanais e técnicas industriais. A complexidade da ocupação destaca a relevância da aplicação do modelo artesanal à análise contextos industriais para identificar tensões, resistências e novas dinâmicas laborais e organizacionais.

Palavras-Chave: Trabalho Artesanal, Marceneiro, Indústria, Mobiliário

The Cabinetmaker: between the craftsman and the operational worker

Abstract

The Sennett's (2009b) and Mill's (1969) model of craftsmanship applied to the manual and skilled occupations was used as theoretical grounding for the study of the cabinetmakers of the Paredes furniture industry. Through an exploratory and qualitative research, developed with the application of interviews and participant observation, we identified, among other features, the coexistence of craft skills with industrial techniques. The complexity of the occupation highlights the relevance of the application of the craftsmanship model on industrial contexts to identify tensions, resistances and new labour and organizational dynamics.

Keywords: Craftsmanship, Cabinetmaker, Industry, Furniture

Introdução

Richard Sennett, em “A Corrosão do Caráter” (2009a: 75-88), explora as dinâmicas de mudança causadas pela progressiva mecanização a partir da análise do contexto dos trabalhadores de uma padaria italiana em Boston.

Na sua primeira visita, Sennett reconstrói a padaria através de uma imagem baseada no alvoroço – o constante barulho, o calor dos fornos, o conseqüente cheiro a suor e o cheiro a fermento (idem: 77). O autor demonstra como a mistura destes cheiros é representativa da envolvimento por parte dos padeiros com o pão que produziam, onde incorporavam todo o processo produtivo através dos seus diversos sentidos. Todo este cenário é substituído, 25 anos depois, por “tranquilizantes lâmpadas fluorescentes” e um “estranho silêncio” (idem: 78). Sennett percebe que a alteração desta dinâmica laboral é causada em grande parte pela panificação computadorizada, onde se assiste à exponencial separação entre o trabalhador e aquilo que o mesmo produz. O padeiro deixa, portanto, de ser padeiro e torna-se unicamente um operador de uma máquina, perdendo a identidade ocupacional que o caracterizava.

Com a sua abordagem, Sennett desafia-nos a observar as realidades laborais que nos rodeiam, atendendo às transformações causadas pela evolução tecnológica. É através desta proposta que nos inspiramos a observar a realidade atual dos marceneiros para perceber se a evolução da indústria absorve de facto todo um legado de trabalho artesanal que caracteriza estas ocupações ou se existem formas de resistência por parte dos trabalhadores e da própria indústria, de forma a conservar uma arte que valoriza o produto final e caracteriza todo um tecido industrial local.

O conceito de trabalho artesanal e o antagonismo da produção industrial

Existe, na sociologia, um legado teórico em torno do conceito de trabalho artesanal que conceptualiza as dimensões e as especificidades deste tipo de trabalho. C. Wright Mills, na sua obra “White Collar: The American Middle Class” (1969), descreve o trabalho artesanal como um modelo de gratificação obtida através do trabalho, em que o objetivo maior do trabalhador é o produto e o respetivo processo de criação. O produto e o processo de criação coexistem em harmonia com o trabalhador, levando à construção de uma relação significativa que permite não só o desenvolvimento das suas capacidades e habilidades, mas também a formação de uma cultura própria e um estilo de vida específico (idem: 220). Assim, o trabalho de um artífice não se orienta por objetivos como a obtenção de dinheiro ou reputação, nem pela propriedade material por parte do trabalhador do objeto que constrói, depende sim de uma posse psicológica desse objeto,

uma vez que são as suas próprias habilidades e esforço que possibilitam a sua criação (idem: 221).

O trabalho artesanal, como descrito por Sennett (2009), enfatiza a relação entre a mão e a mente, que não devem ser separadas, dada a partilha contínua entre pensamento e ação. Este modelo de trabalho é também, para o autor, caracterizado pela procura da qualidade do trabalho produzido, aspeto central para a identidade de um artífice (idem: 11). Para Sennett, o trabalho artesanal envolve três conceitos-chave: a habilidade, adquirida ao longo do tempo por meio da prática e reflexão; a autoridade, baseada na relação mestre-aprendiz e sustentada pela competência técnica; e a cooperação, que surge da interação entre o artesão, o objeto e o contexto social, influenciando a sua relação com o mundo envolvente (Sá, 2020: 528-531). Esta perspetiva coincide com a de Mills, na qual o trabalho e a cultura não são elementos distintos, uma vez que é através do seu trabalho que o artífice obtém prazer, permitindo combinar “consumo” e “produção” numa só ação (Mills, 1969: 222).

Ora, é curioso como Sennett, ao longo da sua obra, apresenta a imagem do carpinteiro¹ como a primeira impressão na associação à expressão “artífice”, mas também é curioso como esta é abandonada na sua reflexão sobre a atualidade, focando-se principalmente em programadores, músicos, sociólogos e engenheiros. Mills, apesar de reconhecer que a classe trabalhadora, em determinados períodos históricos, tenha apresentado algumas características do modelo de trabalho artesanal, aplica esse modelo principalmente para analisar as condições de trabalho dos *White-Collar Workers* na modernidade, deixando de parte as ocupações específicas do operariado. Thorlindsson, Halldorsson e Sigfusdottir (2018) ao explorarem a diversidade de trabalhos realizados dentro desta temática, evidenciam a multiplicidade de contextos em que a teoria do trabalho artesanal pode ser aplicada, dando como exemplos trabalhos sobre a produção social da música, a ética da excelência no ensino em sala de aula, o artesanato intelectual, o trabalho culinário, o trabalho de cirurgiões e os pescadores. Assim, considerando o legado teórico e empírico do trabalho artesanal, verifica-se a escassez do estudo e escrutínio sobre as ocupações manuais, industriais e qualificadas, demonstrando a tendência de os estudos sobre esta temática excluírem uma reflexão sobre o trabalho artesanal dentro dos contextos industriais.

Acrescenta-se ainda que Mills, após a apresentação do seu modelo de trabalho artesanal, revela que o mesmo é incompatível com os modos de organização do trabalho na atualidade, representando apenas um ideal social e moral sobre o trabalho e as relações com o mesmo. Para o autor, o trabalho artesanal como um ideal social e moral reserva-

¹ Ocupação muitas vezes equiparada à de marceneiro.

se, principalmente, a nível ético, a classes profissionais privilegiadas e intelectuais (Mills, 1969: 224).

Sennett considera que esta visão anacrónica de Mills, apesar de idealista, é essencial para refletir acerca do desaparecimento desses princípios de trabalho no mundo atual (2009: 13) e como este é subestimado quando representado pelo trabalho predominantemente manual. Assim, o autor destaca as consequências do modelo de competição nas sociedades atuais, que acabam por desmotivar e incapacitar os trabalhadores, pois o trabalho bem-feito, essencial para o artífice, torna-se invisível (idem: 23). O autor também refere como as transformações nos modos de organização do trabalho, como a mecanização progressiva e a produção em massa, contribuem para a separação intelectual entre pensamento e ação (idem: 39). Contudo, esta separação é também social, uma vez que os trabalhadores manuais são excluídos de reuniões de projetos e de trabalho em diversas organizações (idem: 32).

Torna-se evidente, ainda, que Mills vê a alienação do trabalhador em relação ao seu trabalho como um dos pilares da crítica ao modelo industrial moderno. O autor descreve como a transição para uma sociedade de empregados assalariados instituiu processos de alienação do trabalho, levando à perda de autonomia e de controlo sobre o produto e as ferramentas de produção (Mills, 1969: 224, 225). Assim, o trabalhador moderno, sobretudo nos trabalhos rotineiros, executa tarefas abaixo do seu nível de competências, vendo-se reduzido a uma peça dentro de um motor produtivo.

Considerando estes pressupostos, fica claro que, para estes autores, o avanço do capitalismo, os seus modos de produção e a evolução da indústria não apenas entram em conflito com o modelo de trabalho artesanal, como também contribuem para a erosão dos seus valores fundamentais.

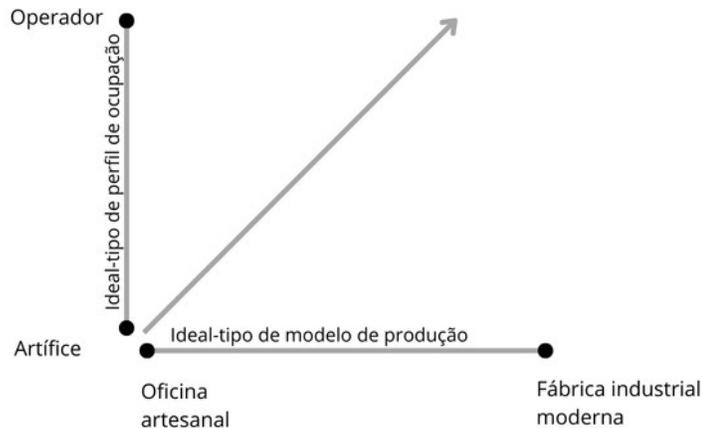


Figura 1. Relação entre perfis de ocupação e modelos de produção. Fonte: elaborado pelas autoras, a partir de Mills (1969) e Sennett (2009b).

No entanto, esta visão antagónica entre o trabalho artesanal e a indústria, aliada à falta de uma abordagem sociológica que examine as formas de resistência de certas características do trabalho artesanal em ocupações manuais industriais e qualificadas, reforça a sua marginalização no contexto industrial. Tal limita a aplicabilidade do modelo de trabalho artesanal e acentua a dicotomia entre a valorização do trabalho intelectual e a desvalorização do trabalho manual nos estudos ocupacionais. Além disso, reduzir essas ocupações à mera representação de uma imagem tradicional, sem considerar as suas transformações contemporâneas, pode ser reflexo da própria invisibilidade social e simbólica que as envolve. Assim, é relevante analisar sociologicamente como os princípios e características do trabalho artesanal são preservados (ou não) pelos próprios trabalhadores, indústrias e comunidades locais, especialmente em contextos onde a caracterização destes trabalhadores coincide com um legado histórico da construção de uma imagem de “artistas” e “mestres”.

A análise intensiva: uma estratégia metodológica

A análise desenvolvida suporta-se da compilação de diversos materiais teóricos e empíricos de carácter exploratório, que modelam a construção de uma análise técnico-cultural das dinâmicas industriais locais e profissionais. Os nossos objetivos foram perceber de que forma os marceneiros percebem, a nível técnico, e analisar as alterações que a mesma tem sofrido, tendo em consideração a introdução progressiva da máquina e dos equipamentos computadorizados/automatizados nos contextos de trabalho. Este é o mote para a reflexão sobre a oposição entre trabalho “artesanal” e trabalho “operacional”.

Trata-se de uma investigação de carácter indutivo, com vertente etnográfica onde o questionamento partiu da empiria e continuou em pleno diálogo com a aplicação teórica referida acima, o que permitiu a construção de uma reflexão sobre a pertinência do conceito e modelo de trabalho artesanal no contexto das ocupações baseadas no trabalho manual industrial e qualificado, aplicado ao caso da marcenaria.

A abordagem metodológica utilizou técnicas de carácter intensivo para reconstruir os sentidos da ação social dos sujeitos em análise (Guerra, 2006: 7), sobretudo atendendo às suas relações com o trabalho e modos de produção, privilegiando a análise das experiências vividas dos marceneiros, mas sem desconsiderar as influências estruturais. Da mesma forma, a inserção profissional por parte de uma das autoras há mais de dois anos numa empresa local de fabrico de mobiliário, com passagem por diversos departamentos, possibilitou uma proximidade ao objeto de estudo, que nos é familiar e quotidianamente vivido, para além de observado. “Um olhar de perto e de dentro” permitiu-nos um aprofundamento da análise da ocupação de marceneiro, não deixando de ampliar o horizonte de análise com um “olhar distanciado” e contextualizado (Magnani, 2002: 14).

Para além do nosso posicionamento como observador-participante (Mónico et al., 2017: 728), no que concerne aos processos de recolha de dados foram utilizadas as seguintes técnicas:

- i. Recolha e análise documental de fontes secundárias sobre o tecido industrial de Paredes e a ocupação de marceneiro;
- ii. Uma entrevista história de vida a um marceneiro trabalhador por conta de outrem, atualmente reformado (entrevistado A);
- iii. Duas entrevistas não estruturadas de curta duração com dois marceneiros trabalhadores por conta de outrem da indústria (entrevistados B e C);
- iv. Uma entrevista semiestruturada a um filho de um marceneiro integrado profissionalmente no setor (entrevistado D);
- v. Conversas informais com outros trabalhadores assalariados das indústrias de mobiliário.

Todos os entrevistados são indivíduos do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 27 e os 66 anos, naturais de Paredes, trabalhadores por conta de outrem em fábricas de mobiliário no tecido industrial de Paredes. Ao longo da recolha destes testemunhos, ao que acrescemos o decisivo papel da observação-participação como profissional na indústria por parte de uma das autoras, fomos percebendo a presença de características do trabalho artesanal no tecido industrial local. Neste sentido, é nosso

objetivo oferecer hipóteses abertas sobre a aplicação do modelo tipo-ideal de trabalho artesanal proposto por Sennet (2009b) e Mills (1969) e na análise do marceneiro contemporâneo, avaliando a sua heurística nas indústrias do mobiliário de Paredes, compreendendo as características deste modelo de trabalho que resiste à evolução dos modos organização do trabalho mecanizado primeiro e automatizado na atualidade.

Os modos de produção na indústria de mobiliário em Paredes

A tradição da marcenaria em Paredes remonta ao final do século XIX e início do século XX (Pereira, 2011: 51). Neste contexto, verifica-se, ainda hoje, para além da concentração de várias fábricas, a diversidade de produtos fabricados no tecido industrial de Paredes, abrangendo vários estilos. Além disso, a produção de cadeiras mantém-se como uma marca identitária da região, contudo a arte do entalhamento tem vindo a desaparecer. Através dos esforços da Câmara Municipal para a preservação deste património, perpetua-se uma memória coletiva que evoca a presença de marceneiros, cadeireiros, entalhadores e carreiras, cujas ocupações moldaram a identidade cultural local.

Em 2021, 56,1% dos trabalhadores por conta de outrem em Paredes estavam empregados no setor secundário, um valor muito superior à média nacional, situada nos 25% (GEE, 2024). No mesmo ano, a indústria do mobiliário era o principal empregador do concelho (GEE, 2024). No entanto, apesar da expressividade económica da indústria, os rendimentos dos trabalhadores da região permanecem abaixo da média nacional. Em 2021, o ganho médio mensal dos trabalhadores do setor secundário em Paredes situava-se abaixo dos 950€, enquanto a média nacional e da Área Metropolitana do Porto rondava os 1200€ (GEE, 2024). Esta discrepância evidencia um desafio significativo relativamente à valorização da mão de obra local, apesar da importância estratégica do setor.

Nesta região, observa-se tanto a presença de grandes fábricas de mobiliário quanto de pequenas oficinas de marcenaria, incluindo unidades localizadas em áreas residenciais ou no rés-do-chão de habitações. Essa diversidade produtiva reflete a interação entre diferentes sistemas de produção, variando entre processos artesanais e mecanizados.

As pequenas oficinas de marcenaria são caracterizadas por um sistema de produção *homem-produto*, no qual o trabalhador estabelece uma relação direta com o bem produzido, frequentemente utilizando técnicas tradicionais e ferramentas manuais (Freire, 1994: 60; D'Iribarne, 1993: 67-71), coexistindo com um sistema *homem-máquina*, no qual o trabalhador intervém no processo produtivo por meio de equipamentos mecanizados, mas sem perder a sua relação com o produto (*idem*). Este modelo possibilita a produção de bens altamente personalizáveis, atendendo a necessidades específicas, embora a velocidade de produção seja relativamente menor.

Consequentemente, os produtos resultantes deste processo apresentam um valor acrescentado elevado, inserindo-se em nichos de mercado diferenciados. Por sua vez, as fábricas de maior dimensão com mecanização automatizada operam sob um sistema *homem-máquina* em coexistência com o sistema *máquina-produto* (*idem*). Dentro destas tecnologias automatizadas, destacam-se as máquinas CNC, empregadas no corte e na furação das peças destinadas à montagem dos móveis. As demais etapas do processo produtivo do setor da marcenaria continuam a ser responsabilidade dos marceneiros.

Apesar da mecanização, o setor no território estudado não é rigidamente padronizado, predominando um modelo de produção flexível direcionado para a subcontratação. Nesse contexto, a produção em série de pequena dimensão é condicionada por altos níveis de personalização dos produtos, sendo poucas as empresas que operam com catálogo e marca próprios. As empresas que possuem catálogo têm, frequentemente, um setor de *contract*, responsável pelo desenvolvimento de projetos customizados de acordo com as necessidades dos clientes. Tal fenómeno decorre das dinâmicas de mercado que exigem uma migração progressiva da produção de mobiliário padronizado de baixo custo, segmento que tem sido dominado pela indústria chinesa, para a produção de bens de maior valor agregado.

A diversidade estilística do mobiliário produzido também influencia os processos produtivos, em que os estilos rústico e clássico exigem técnicas artesanais e processos manuais, resultando em produtos de maior valor. Em contrapartida, no estilo contemporâneo, definido pelo minimalismo e funcionalismo, predomina a produção em série. Contudo, mesmo dentro desse segmento, observa-se uma crescente procura por personalização em termos de dimensões, materiais e acabamentos.

A duplicidade da figura do marceneiro: artesão e operador

A heterogeneidade dos sistemas de trabalho mencionada anteriormente impacta o papel do marceneiro dentro da indústria. Esta relação é identificada no projeto *Bolster-Up*² (EFBWW, 2020: 35), na qual são traçados dois perfis de marceneiros: o marceneiro artesão e o marceneiro operador.

O marceneiro artesão existe, sobretudo, na produção personalizada e na produção em séries de pequena dimensão, nas quais o trabalho manual pode coexistir com diversas tecnologias, como as máquinas individuais e as máquinas combinadas (*idem*). A figura do marceneiro operador pode existir na produção em série de pequena dimensão, se esta

² Projeto europeu coordenado pela *European Federation of Building and Woodworkers* (EFBWW) que visa contribuir para a cooperação entre *stakeholders* nacionais a nível europeu e apoiar a modernização das ocupações e das estruturas de Educação e Formação Profissional (VET) nas indústrias da madeira.

estiver enquadrada com algum tipo de automação (de que são exemplo as máquinas CNC), bem como nos contextos de produção em massa (idem).

O marceneiro artesão, segundo o relatório do *Bolster-Up 2*, integra na descrição do seu perfil muitas das características do trabalho artesanal enunciadas por Mills e Sennett, sobretudo no que concerne à autonomia e responsabilidade do trabalhador. Neste perfil, o marceneiro trabalha de forma autónoma podendo, muitas vezes, no contexto do modelo de negócio de venda direta de produtos para o consumidor final, ter contacto direto com o cliente. Desta forma, o trabalhador é responsável não só pelas suas próprias tarefas, mas também pela qualidade do produto e pela resolução de problemas que surgem no processo produtivo. No entanto, esta autonomia não é completamente autêntica como a do modelo de trabalho artesanal, uma vez que o processo criativo é influenciado não só pelos desejos e necessidades do cliente, mas também pela procura da eficiência de custos e tempo. Assim, a variável tempo torna-se importante para qualquer processo produtivo, mesmo nos regimes mais artesanais, impedindo a realização do trabalho “bem feito” pelo prazer de o fazer. Desta forma, a dualidade entre a procura por qualidade e a necessidade de eficiência impõe um compromisso que esvazia, em alguma medida, a autenticidade do trabalho artesanal, persistindo a tensão entre a realização pessoal e as exigências do mercado, levando à alienação objetiva e subjetiva do trabalhador na sua relação com o produto e o trabalho (Mills, 1969: 224).

Contudo, persiste a articulação, que Sennett descreve, entre as mãos e a cabeça, o pensamento e ação, mesmo no sistema *homem-máquina*, uma vez que o marceneiro artesão não se limita a executar tarefas mecânicas. Ele planeia, escolhe materiais, ajusta ferramentas e supervisiona todas as fases da produção, garantindo que o resultado esteja alinhado quer com as expectativas do cliente, quer com a sua visão de qualidade. Podemos, portanto, concluir que o marceneiro artesão não se torna apenas um executor de técnicas mais tradicionais, mas um mediador entre a arte, a funcionalidade e a exequibilidade económica do processo criativo, onde a essência do trabalho artesanal – o vínculo entre o saber, o fazer e o criar – permanece viva na sua prática.

Por seu turno, o marceneiro operador insere-se, sobretudo, num contexto de produção em massa, caracterizado pela divisão do trabalho e pela especialização em etapas específicas da produção. Diferente do artesão, ele não planeia as suas próprias tarefas, mas recebe ordens de serviço e segue métodos e procedimentos predefinidos. O seu trabalho está focado na execução de operações específicas dentro de uma linha de produção, utilizando estações de trabalho combinadas e *software* especializado. Enquanto o marceneiro artesão é responsável pelo produto como um todo, o marceneiro operador tem responsabilidade pela qualidade apenas numa etapa específica da produção, onde deve interagir com outros setores e se integra num sistema produtivo mais estruturado e eficiente. Portanto, neste perfil de marceneiro, torna-se evidente que são quase inexistentes as propriedades do modelo de trabalho artesanal de Mills e de

Sennett, aproximando-se daquilo que Mills acreditava que seria o modelo industrial moderno.

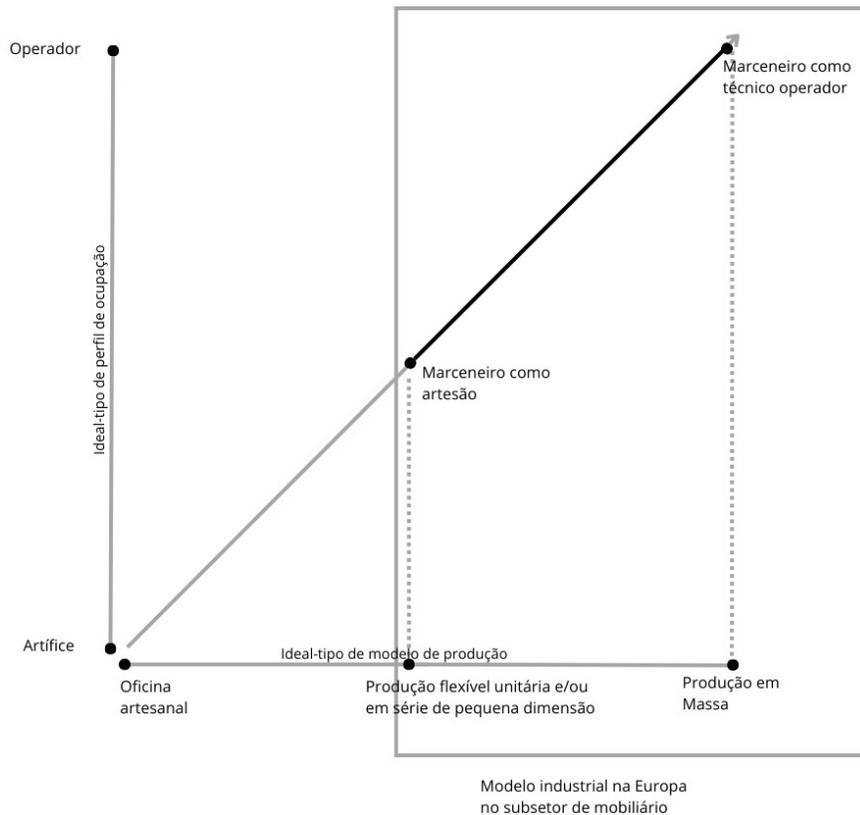


Figura 2. Relação entre tipos de ocupação e modelos de produção no tecido industrial europeu do subsetor do fabrico de mobiliário. Fonte: elaborado autoras a partir de Mills (1969) e Sennett (2009b).

O marceneiro da indústria do mobiliário de Paredes

Atendendo aos modelos anteriormente construídos procurou-se identificar, sobretudo a partir do discurso dos entrevistados, pistas que ilustrassem formas de resistência (ou não) das características do modelo de trabalho artesanal proposto por Sennett e por Mills.

Um dos entrevistados face ao nosso pedido para descrever o que era para si ser marceneiro salientou a perfeição da execução do trabalho:

“Mas um marceneiro é uma pessoa que trabalha sim com madeira, trabalha nos móveis, faz vários trabalhos em madeira, [...] e é uma profissão que em termos de perfeição é muito superior [...] o

marceneiro é mais cuidadoso no que faz, muito mais.”
(Entrevistado A)

Torna-se evidente que o sentido desta ocupação para os marceneiros, não passa apenas pela execução de um trabalho manual, mas também pela construção de uma relação significativa com a produção do móvel, refletindo a valorização da qualidade, do conhecimento técnico e da identidade ocupacional que caracterizam o trabalho artesanal. Assim, a articulação entre ação e pensamento, como Sennett descreve, torna-se um elemento essencial, não só para a identidade dos marceneiros, mas para o funcionamento da própria indústria. Neste contexto, o conhecimento tácito, ou como um dos entrevistados menciona o “conhecimento que vem da natureza”, assume um papel central, uma vez que a experiência acumulada pelos marceneiros ao longo do tempo permite que desenvolvam uma intuição apurada sobre o comportamento da madeira, os melhores métodos de trabalho e de resolver problemas que não podem ser previstos pela teoria.

“Entre a teoria e a prática há uma diferença muito grande, a léguas mesmo porque na prática nós olhamos para a peça e sabemos o que temos que lhe fazer, na teoria não é assim. [...] E tem mais vantagens quem tem a prática do que quem tem apenas a teoria.”
(Entrevistado B)

Este testemunho, que é dado por um marceneiro que trabalha numa fábrica de produção de mobiliário por medida que integra a articulação do sistema *homem-máquina e máquina-produto*, evidencia como o saber-fazer adquirido na prática não pode ser totalmente substituído pelo conhecimento teórico, onde a interação direta com os materiais e a adaptação às particularidades de cada peça são fundamentais para a qualidade do trabalho final, mas também para o desenvolvimento do conhecimento sobre as técnicas de produção. Mesmo em contextos mecanizados existe um reconhecimento de que este conhecimento tácito não pode ser substituído nem por gabinetes técnicos nem por máquinas automatizadas, pois trata-se de uma competência tácita de um saber em ação articulado com o saber específico do domínio de tarefa da marcenaria. Isto é sobretudo evidente em contextos produtivos onde se produz mobiliário por medida, uma vez que toda a peça de mobiliário é única:

“Trabalha-se sempre todos os dias a fazer um protótipo. Chega uma cozinha ela nunca é igual, chega um roupeiro nunca é igual, [...] todo o projeto é um desafio” (Entrevistado C).

Além disso, o marceneiro, mesmo em produções mais seriadas, apresenta um papel fundamental na fábrica, uma vez que ele é o responsável pela produção de um protótipo, pela sua qualidade e viabilidade, que depois será reproduzido em maior número:

“Há empresas que fazem um protótipo que depois ele é aprovado e fazem 100, 200, 300. Já trabalhei numa empresa que era assim, eu fazia um protótipo, ele era aprovado, vinham os engenheiros ver se estava bem ou não, alterava-se o que se tinha para alterar, o marceneiro dava a reclamação que tinha a dar e dizer a alteração que tinha que ser feita para dar mais lucro à empresa e para ficar melhor”. (entrevistado C)

Este excerto lança outra questão: o trabalho de marceneiro é também influenciado pela exequibilidade económica dos seus projetos e protótipos, onde o seu objetivo não é apenas a produção com qualidade, mas essa qualidade tem de ser conquistada da forma mais económica possível. Neste sentido, torna-se evidente que as lógicas mercantilistas se entrelaçam com as lógicas do trabalho artesanal. Novamente, como foi descrito no modelo europeu do marceneiro artesão apresentado no projeto *Bolster Up 2*, a questão do tempo torna-se um desafio para a conquista da perfeição do trabalho e o consequente prazer do artesão, uma vez que, muitas vezes, para cumprir prazos pré-estabelecidos de entrega, os marceneiros não têm o tempo necessário para produzir a peça de mobiliário com os padrões de qualidade desejados. Isto certamente mostra como o modelo de gratificação a partir do trabalho, prova da sua satisfação intrínseca, como previsto por Mills, é afetado pelas lógicas produtivistas de mercado:

“Muitas das vezes acontece que nós, por exemplo, devido ao sistema das empresas e dizem ‘é para carregar hoje’, o que é que nós podemos fazer? [...] E depois sabemos que algo não vai tão bem como deveria.” (Entrevistado C)

Acrescente-se ainda que o contexto de progressiva mudança se revela hostil para os marceneiros. Os entrevistados mencionam a dificuldade na adaptação às progressivas transformações da indústria, especialmente quando não têm formação que facilite essa adaptação. Um dos entrevistados menciona que outrora trabalhava numa empresa com máquinas CNC e que também as operava, mas atualmente recusa-se pois “já tenho medalhas (aponta para os dedos parcialmente amputados)”. A esta dificuldade soma-se a diversidade de contextos organizacionais e produtivos dentro de um tecido industrial que exige que os profissionais tenham de se adaptar a diversos estilos de mobiliário e a diversas formas de organização de trabalho.

Pelo testemunho dos entrevistados, a marcenaria industrial mantém o sistema tradicional de transmissão de conhecimento entre mestres e aprendizes, na qual os trabalhadores mais experientes ensinam os mais novos, garantindo a continuidade do saber-fazer artesanal dentro da lógica industrial. Para os marceneiros, a vontade de ensinar faz parte da sua identidade, ao ponto de desejarem tornar-se formadores, no final das suas carreiras, que sentem como um serviço à comunidade:

“Gostava de uma oportunidade de ser formador, porque eu mesmo pensionista posso trabalhar [...] era um serviço que servia à nossa comunidade. E como eu, há muitas pessoas assim.”
(Entrevistado A)

Tais traços vão ao encontro à caracterização desta ocupação como uma arte, tanto pelos próprios marceneiros, como por atores locais:

- “é a minha arte” (Entrevistado A);
- “não entendem que a marcenaria, por exemplo, é uma arte (Entrevistado D)”;
- “sinto muito orgulho na minha arte” (Entrevistado C).

É através dessa arte que estes profissionais se posicionam profissional e socialmente – “tenho a consciência que contribuí para a sociedade e para este país” (Entrevistado A). É a partir dela que constroem um orgulho ocupacional, especialmente porque sentem que se trata de uma arte difícil e cada vez mais escassa na mão de obra local, devido à desvalorização tanto social quanto técnica da mesma:

“Tu hoje não vês marceneiros com menos de 30, 40 anos. Por isso é sinal que não estamos a valorizar a marcenaria.” (Entrevistado C)

Assim, embora muitos marceneiros vejam a formação como uma forma de dar continuidade ao ofício e preservar a arte da marcenaria, o afastamento dos jovens enfraquece a transmissão de conhecimentos, colocando em risco o saber-fazer do setor industrial local. A isto acresce o impacto negativo do mercado nas lógicas de interajuda entre os marceneiros, sendo a produção orientada para a maximização da produtividade e a redução de custos, o que muitas vezes impõe uma estrutura salarial que não valoriza adequadamente a experiência e a hierarquia profissional. Quando um jovem sem experiência recebe um salário próximo ao de um marceneiro experiente, isso pode criar desmotivação nos trabalhadores mais antigos e uma quebra na relação mestre-aprendiz:

“Há aqui um problema muito grande na diferença salarial. Vem para aqui um jovem que não sabe nada ganhar o que um artista ganha, claro que vai haver diferenças na questão das ajudas [ajudas aos aprendizes por parte dos mestres].” (Entrevistado B)

Os testemunhos recolhidos levam-nos a concluir que o perfil do marceneiro no tecido industrial de Paredes aproxima-se do perfil do marceneiro artesão europeu relativamente à articulação entre tecnologia e artesanato, mas com algumas especificidades no que concerne à integração do trabalho artesanal com as máquinas

automatizadas. A valorização do conhecimento tácito, a autonomia e a produção personalizada são elementos comuns, mas o modelo do tecido industrial paredense confronta-se com a necessidade de manutenção do saber-fazer local, principalmente no que concerne as futuras gerações.

Um dos pontos que justifica a não existência de um perfil de marceneiro operador no tecido industrial em Paredes surge pela caracterização das empresas existentes e os mercados que procuram alvejar. Muitas são de pequena dimensão, de estrutura familiar, o que impossibilita a produção em massa, exigindo que estas procurem alcançar nichos do mercado específicos. Neste sentido, é essencial considerar que os modelos propostos são ideais-tipo, que não representam todas as nuances presentes neste tecido industrial. Consideramos fundamental reconhecer que, no tecido industrial de Paredes, coexistem diferentes sistemas de trabalho e formas de relação entre o trabalhador e o produto, os quais podem influenciar certas características do perfil do marceneiro. No entanto, de forma geral, as entrevistas realizadas mostram que os traços principais desses perfis estão bem definidos e alinhados com o ideal-tipo do marceneiro artesão proposto pelo modelo europeu do projeto *Bolster Up 2*.

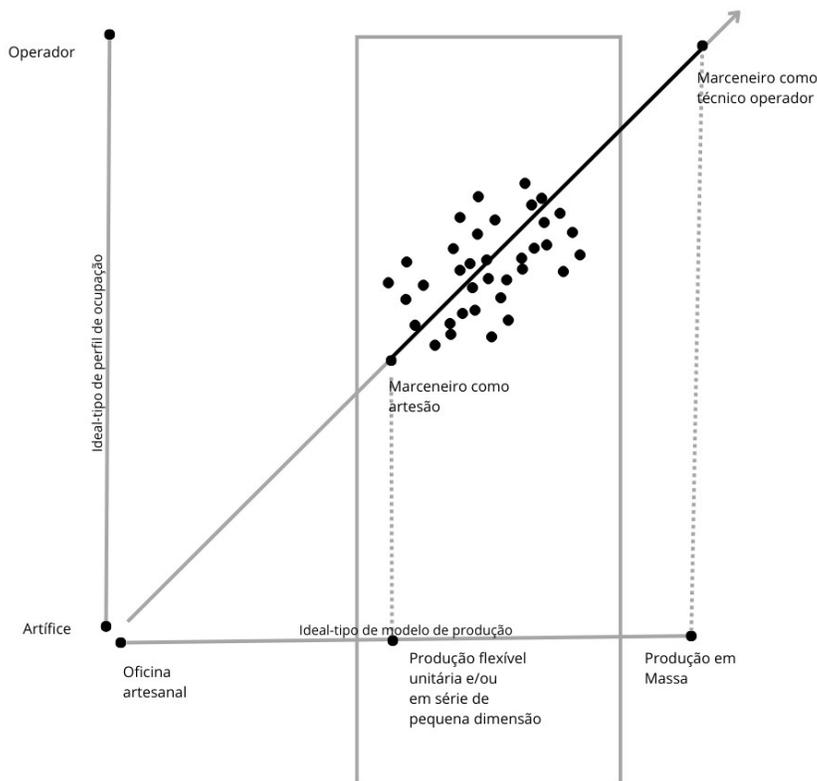


Figura 3. Relação entre tipos de ocupação e modelos de produção no tecido industrial de Paredes do subsector do fabrico de mobiliário. Fonte: elaborado pelas autoras, realizado através do cruzamento

de dados recolhidos na investigação com o modelo de trabalho artesanal proposto por Mills (1969) e Sennett (2009b).

Conclusão

Tal como foi referido por Mills e Sennett, o conceito de trabalho artesanal é um modelo utópico, e até romanceado, que não se encontra na totalidade em nenhuma comunidade de trabalho. Tal não significa que este não seja relevante para analisar as realidades que constroem os mundos de trabalho atuais. É a partir do reconhecimento da potencialidade deste modelo para a reflexão que surge não só um legado teórico, mas a sua pertinência heurística na interpretação das ocupações operárias na atualidade.

Tendo como referencial o modelo de trabalho artesanal, pudemos comparar os perfis de marceneiros existentes na Europa com aquele que foi identificado, através das entrevistas, na indústria de mobiliário em Paredes. Além da reflexão sobre as características do trabalho artesanal que persistem, foi possível identificar dinâmicas de alienação que caracterizam o trabalho dos marceneiros. A organização do trabalho nas fábricas voltada para a maximização da produtividade e a redução de custos, demonstra como o mercado e as lógicas mercantis podem alienar o trabalhador do sentido pleno do seu trabalho, uma vez que se prejudica a qualidade do trabalho e do produto produzido bem como satisfação que o profissional sente em relação ao processo de fabrico do produto final. Além disso, a alienação também se manifesta no distanciamento entre o trabalhador e o controlo sobre o processo produtivo, com a introdução de tecnologias, como as máquinas CNC, que acabam por substituir ou modificar certas habilidades manuais. Isto é testemunhado pela resistência de alguns marceneiros à utilização de tecnologias, quer por questões de segurança, quer pelo afastamento das práticas tradicionais, onde a máquina, neste caso, representa uma ameaça à autonomia e à habilidade manual dos marceneiros.

Neste contexto, observa-se uma tensão entre processos de desqualificação e requalificação nos ambientes mais automatizados. As máquinas CNC podem retirar funções anteriormente desempenhadas pelos marceneiros, promovendo a desqualificação. Em contrapartida, essa mecanização também pode eliminar tarefas rotineiras, permitindo que os profissionais se concentrem em trabalhos mais exigentes e minuciosos. Contudo, para que essa transição seja benéfica, é essencial implementar estratégias organizacionais de requalificação, garantindo que os marceneiros desenvolvam novas competências e consigam integrar a tecnologia no seu ofício, sem perder autonomia ou percecionam a mudança com temor e conseqüente resistência. Esse cenário dialoga com o debate sobre automatização proposto por Braverman (1998), o qual argumenta que a desqualificação é inerente ao capitalismo. No entanto, o caso da indústria do mobiliário em Paredes sugere que, com a adoção de estratégias adequadas,

a desqualificação pode ser convertida numa oportunidade de requalificação dos trabalhadores, tal como sugerido por Wilkinson (1983).

A articulação entre tecnologia e mestria dos marceneiros, entre modelos de produção industriais e características de trabalho artesanal é utilizada por diversas empresas deste tecido industrial como estratégia organizacional e de marketing. Como mencionamos anteriormente, a progressiva entrada de outros atores industriais no mercado internacional com grande capacidade de produção em massa e preços bastante competitivos, juntamente com um tecido industrial local constituído por empresas de pequenas dimensões, exigem que, para a sobrevivência desta indústria, se continue a apostar na produção de mobiliário diferenciado e de qualidade. O fator diferencial que permite que se valorize as peças de mobiliário produzidas é o saber-fazer dos marceneiros. Isto leva a que, neste tecido industrial, sejam adotadas medidas que constroem modelos produtivos progressivamente mais capazes de integrar características do trabalho artesanal e de recuperar muito dos seus valores. Este esforço não passa apenas por algumas empresas diferenciadas do tecido industrial local, mas também por parte de atores institucionais como a Câmara Municipal de Paredes, na medida em que adota várias políticas de promoção destes ofícios e das suas artes, como o turismo industrial e o Festival de Artes em Madeira. Este modelo de desenvolvimento territorial integrado e com grande potencial é desafiado pelos diversos problemas presentes neste tecido industrial, nomeadamente o envelhecimento da mão de obra aliada a um processo de desvalorização material dos marceneiros por parte do mercado de trabalho local (onde a média de ganhos mensais em Paredes no setor secundário é bastante inferior à média nacional) e de desvalorização simbólica por parte dos jovens, que desconsideram este tipo de ocupações manuais especializadas e industriais, partilhando estigmas associados ao estatuto do trabalho fabril.

Assim, para considerar contextos industriais tão específicos como aqueles que se encontram na indústria de mobiliário portuguesa, é necessário abandonar, em parte, uma visão dicotómica entre trabalho artesanal e a evolução da indústria, uma vez que as dinâmicas sociais deste contexto são muito complexas. É através do cruzamento desses dois modelos e da coexistência das suas características que, como sugerem Mills e Sennett, podem parecer incompatíveis, que surgem tensões, resistências e novas dinâmicas nos contextos laborais. Este processo permite, portanto, refletir sobre novos modelos laborais e organizacionais.

Sendo este estudo de cariz exploratório, com forte pendor documental e etnográfico, e uma vez que o mesmo surgiu de uma análise intensiva, certos contextos organizacionais, que não aqueles mencionados pelos entrevistados e pelos documentos abordados, podem ter sido desconsiderados, o que exige a realização de estudos mais aprofundados não só na indústria do mobiliário portuguesa, mas também noutras indústrias nacionais com traços identitários semelhantes.

Referências Bibliográficas

- Braverman, H. (1998). *Labor and monopoly capital: The degradation of work in the twentieth century*. Monthly Review Press.
- D'Iribarne, A. (1993). *La compétitivité: Défi social, enjeu éducatif*. Centre National de la Recherche Scientifique.
- EFBWW. (2020). *Bolster-Up 2: Perfis principais para profissões no setor de mobiliário*. Recuperado em 20 de janeiro de 2025, de <https://www.bolster-up2.eu/>
- Freire, J. (1994). *Sociologia do trabalho: Uma introdução*. Edições Afrontamento.
- Gabinete de Estratégia e Estudos (GEE). (2024). *Estatísticas Regionais*. Recuperado em 1 de fevereiro de 2025, de <https://www.gee.gov.pt/pt/lista-publicacoes/estatisticas-regionais/distritos-concelhos/porto/paredes/3251-paredes/file>
- Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo - Sentidos e formas de uso* (1ª ed.). Príncipeia.
- Magnani, J. G. C. (2002). De perto e de dentro: Notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17(49), XX-XX.
- Mills, C. W. (1969). *White collar: The American middle class*. Oxford University Press.
- Mónico, L. S., Alferes, V. R., Castro, P. A., & Parreira, P. M. (2017). A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. *6º Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa*. Recuperado em 10 de dezembro de 2024, de https://www.researchgate.net/publication/318702823_A_Observacao_Participante_enquanto_metodologia_de_investigacao_qualitativa
- Pereira, F. M. C. (2011). *Indústria do mobiliário no concelho de Paredes* [Dissertação de mestrado, Universidade do Minho]. Repositório da Universidade do Minho. Recuperado em 10 de novembro de 2024, de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/18135>
- Sá, T. V. (2020). A ideia de trabalho artesanal no pensamento de Richard Sennett. *Modos de Fazer, Universidade do Porto*, 525-536.
- Sennett, R. (2009a). *A corrosão do caráter* (M. Santarrita, Trad.; 14ª ed.). Editora Record.
- Sennett, R. (2009b). *O artífice*. Record.
- Thorlindsson, T., Halldorsson, V., & Sigfusdottir, I. D. (2018). The sociological theory of craftsmanship: An empirical test in sport and education. *Sociological Research Online*, 23(1), 114-135. <https://doi.org/10.1177/1360780418754564>
- Wilkinson, B. (1983). *The shopfloor politics of new technology*. Heinemann Educational.

WORKING PAPERS

4ª Série

Editora/Editor: Sara Melo

Comissão Científica/ Scientific Committee: Inês Maia, Rute Lemos

Uma publicação seriada online do

Instituto de Sociologia da Universidade do Porto

Unidade de I&D 727 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia

Working Papers IS-UP are an online sequential publication of the

Institute of Sociology of the University of Porto

R&D Unit 727 of the Foundation for Science and Technology

Disponível em/Available on:

<https://isociologia.up.pt/working-papers>

ISSN: 1647-9424

WORKING PAPERS IS-UP n°98

Título/Title

"O Marceneiro: entre o trabalho artesanal e o trabalho operacional »

Autores/Authors

Catarina Ribeiro Cruz

Cristina Parente

As autoras, titulares dos direitos desta obra, publicam-a nos termos da licença Creative Commons

"Atribuição – Uso Não Comercial – Partilha" nos Mesmos Termos 2.5 Portugal (cf. <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/pt/>).